Arte|logie

Recherche sur les arts, le patrimoine et la littérature de l'Amérique latine

14 | 2019

Sensibilités : Arts, littératures et patrimoine en Amérique latine

O homem que se achava Napoleão – por uma história política da loucura. MURAT, Laure. Três Estrelas, São Paulo, 2012.

Isabel Lustosa

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/artelogie/4152>

ISSN: 2115-6395

Editora

Association ESCAL

Refêrencia eletrónica

Isabel Lustosa, « *O homem que se achava Napoleão – por uma história política da loucura.* MURAT, Laure. Três Estrelas, São Paulo, 2012. », *Arte|logie* [Online], 14 | 2019, posto online no dia 05 setembro 2019, consultado o 23 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/artelogie/4152>

Este documento foi criado de forma automática no dia 23 setembro 2020.

Association ESCAL

O homem que se achava Napoleão – por uma história política da loucura.

MURAT, Laure. Três Estrelas, São Paulo, 2012.

Isabel Lustosa

A revolução, os Napoleões de hospício e a psiquiatria no século XIX.

A história da loucura pode deixar de levar em conta a loucura da história?

- ¹ Quem sempre quis saber a origem do chamado “Napoleão de hospício”, - a mania de alguns loucos acharem que são o imperador Napoleão Bonaparte – vai descobrir lendo *O homem que se achava Napoleão* (MURAT, 2012). Mas, apesar do apelo do título, esse é apenas um dos temas fascinantes da obra de Laure Murat que tanto fez sucesso na Europa e no Brasil passou em silêncio quando foi lançada pela Editora Três Estrelas em 2012. O livro é fruto de centenas de horas dedicadas a pesquisas nos registros de observações médicas dos grandes asilos de alienados parisienses. Ressaltando a utilidade desse acervo para estudos de história social, Murat chama a atenção para o fato desses arquivos também serem os *grandes livros da miséria social, na qual encalha o destino de milhares de homens e mulheres, vários deles oriundos da classe operária que muitas vezes perderam tudo antes de terem perdido a razão.*
- ² Conectar as revoluções que marcaram o século XIX com a emergência da psiquiatria e com manifestações de loucura foi o objetivo de Murat. Além dos registros médicos, um acervo considerável de fontes, que vão desde estudos sobre o tema publicados no século XIX às biografias dos mais importantes psiquiatras, foram mobilizados pela autora. Sua

obra nos proporciona um panorama do impacto que as revoluções de 1789, 1830, 1848 e 1871 tiveram sobre a saúde mental dos parisienses.

- 3 Segundo Laure Murat, foi a Revolução Francesa que inventou a loucura moderna, lançando as bases de sua organização administrativa e de seu tratamento médico. É a partir desse momento fundador que a psiquiatria conhece sua idade de ouro e amplia seu poder. A grande rival dessa ciência nascente era a religião que tinha, anteriormente, o monopólio da loucura, com o tratamento sendo confiado ao confessor e/ou às ordens religiosas de caridade. Mas conventos e mosteiros não teriam vez no século da razão. O fanatismo religioso e a exaltação mística precisavam ser separados de uma ciência positiva, racional e disposta a triunfar sobre o obscurantismo. Os psiquiatras do século XIX acreditavam mesmo que, dentre as diferentes espécies de alienação mental, a que tinha origem na religião era a mais difícil de curar, a que mais conduziria ao furor e à crueldade. Com o advento da psiquiatria, as práticas religiosas com seus flagelos, suas privações e seus êxtases perderam sua aura e passaram a ser descritas como casos médicos a serem analisados.
- 4 Outra vitória da psiquiatria foi a de fazer reconhecer pela justiça a noção "científica" de "monomania homicida". Doença que só a psiquiatra pode diagnosticar, consagrando a superioridade do seu "campo filosófico". O psiquiatra passa a ter o poder de teorizar, elaborar e administrar uma política de saúde, classificando, separando e internando pacientes. A loucura trouxe o médico para o coração da administração pública e, no século XIX, poucos cargos foram tão políticos quanto os dos psiquiatras. A partir de 1838, uma lei relativa ao tratamento das doenças mentais e que vigoraria até 1990, oficializou a política do Estado relativa à criação de asilos, estabelecendo que cada departamento da França, tivesse um asilo especializado, em que se separassem os loucos dos demais doentes. Essas instituições e a política de internação relativas tanto aos estabelecimentos públicos quanto aos privados passaram a ser reguladas pelo Ministério do Interior.
- 5 Murat considera uma ironia o fato de ter sido a partir da Revolução Francesa, com seus desdobramentos, que alguns estados de loucura passaram a ser atribuídos a traumas causados pela própria Revolução. Apesar da loucura ter sempre sido associada às paixões, foi só então que os acontecimentos políticos foram considerados como uma das possíveis causas da alienação mental. Especialmente durante o momento mais sangrento da Revolução, o Terror, um clima de medo e de ameaça teria se difundido de tal maneira em Paris que provocara a elevação do número de internações em asilos públicos e privados. O povo estava literalmente, diz a autora, *medusado*. Pois tal como a cabeça cortada da Medusa tem o poder de petrificar, o espetáculo de milhares de cenas de execução em praça pública mexera com o imaginário da população.
- 6 Trazida para a intimidade e o cotidiano dos parisienses, usada como detalhes de brincos e colares pelas mulheres, a guilhotina, apelidada de *a viúva*, *navalha nacional*, *foice da igualdade* etc. (enquanto a execução também motivava expressões populares: *pôr a cabeça na ratoeira*, *olhar pelo postigo*, *espirrar no saco*), nem por isso, deixava de assombrar. Até alguém cuja mente deveria ser menos sensível a visões tenebrosas, como a do Marquês de Sade, confessaria que, durante o ano de 1794, em que esteve internado num asilo de loucos situado diante da atual place de la Nation, em Paris, a visão que sua janela descortinava da guilhotina em intensa atividade lhe teria feito *um mal cem vezes pior do que me fizeram todas as Bastilhas imagináveis*. Afinal entre março de 1793 e agosto

de 1794, entre 2.600 e 3.000 pessoas foram guilhotinadas e, apenas no dia 7 de julho de 1794, foram realizadas 68 execuções.

- 7 Laure Murat relata vários casos de loucura em que o paciente acreditava ter sido guilhotinado e que, sua cabeça, separada do corpo, ganhara vida própria. A seu ver, *essas cabeças cortadas que agem e falam são outros tantos mortos vivos de uma época que não se desfez dos seus segredos e da qual se esperam revelações de além túmulo. Elas alimentam as fantasias mais lúgubres de um povo que não consegue liquidar a herança revolucionária*. O nascimento da psiquiatria coincide com a invenção da guilhotina e essa correlação histórica seria, segundo a autora, mais do que casual, incluindo-se o duplo sentido da expressão “perder a cabeça”. Afinal, completa, tanto a psiquiatria quanto a guilhotina diziam respeito à relação da cabeça com o corpo, sua ligação ou seu divórcio.

Pinel, os asilos e o tratamento moral

- 8 O grande protagonista desse processo de ascensão da psiquiatria foi o dr. Philippe Pinel. Formado em medicina pela Universidade de Toulouse, em 1773, Pinel completou seus estudos em Montpellier e foi se estabelecer em Paris, em 1778. De origem modesta, a dificuldade na fala - Pinel era gago -, além da timidez e de um caráter naturalmente reservado, atrapalharam o começo de sua carreira. Viveu inicialmente dando aulas de matemática até começar a escrever na *Gazette de Santé*, em 1794 e, a partir de 1786, passar a atender na Casa Belhomme. Esse tipo de instituição, tal como até recentemente, era a alternativa que as famílias abastadas tinham para guardar os seus indesejáveis (“um velho senil, de um filho retardado ou de uma tia demente”), sem expô-los à miséria dos hospitais-asilos.
- 9 Leitor de Rousseau e de Montesquieu, amigo de Condorcet, Pinel será um entusiasta da Revolução e desenvolverá teorias em que estabelece uma relação especular entre suas convicções políticas e seu método terapêutico. Em artigo publicado em 18 de janeiro de 1790, Pinel relaciona o corpo político ao corpo do indivíduo, associando o Antigo Regime a graves disfunções que teriam atingido setores da população cujos luxo, indolência e intensa vida social estariam na origem de seus males dos nervos. No entanto, diz Pinel, já começavam a se sentir os efeitos salutares do novo regime pois ouvia pessoas dizerem: “sinto-me melhor depois da revolução”. Mesmo assim, Pinel reconhece que a energia injetada na sociedade pelas ideias novas produzia, entre exaltação e depressão, desordens no espírito e no comportamento das pessoas. Afinal, indagava: que alma permaneceria fria diante da derrubada de todas as instituições e da insurreição de um povo decidido a se libertar da tirania? Diante do formidável espetáculo do fim do mundo?
- 10 Entre a militância na imprensa e a atividade na Casa Belhomme, Pinel desenvolveu uma terapêutica para *recuperar nos alienados a corrente regular das ideias*: o tratamento moral. Moral como lembra Murat, se refere tanto ao estado mental em oposição ao estado físico, mas se refere também aos bons costumes, a uma conduta adequada, em oposição ao comportamento imoral. Suas ideias foram reunidas em um livro, *Observações sobre a mania para servir à história natural do homem*, publicado em 1794, e que é considerado o documento fundador da psiquiatria francesa.
- 11 O livro de Laurie Murat também nos proporciona um passeio pelo interior dos asilos parisienses para loucos que foram centrais para o desenvolvimento da psiquiatria no século XIX. Bicêtre, Salpêtrière, Charenton e Sainte-Anne foram espaços de

concentração e de experimentos psiquiátricos, proporcionando aos especialistas que os dirigiram grande nomeada. Pinel trabalhou nos dois primeiros, os mais importantes e, chegando a Bicêtre em agosto de 1793, foi responsável por considerável melhora na qualidade do tratamento aplicado aos internos daquele hospital-prisão, então descrito como um verdadeiro inferno, em que 200 loucos se misturavam a 4 mil doentes e criminosos.

- 12 O tratamento moral aplicado por ele consistia em escutar, consolar, tranquilizar e procurar distrair o paciente do objeto exclusivo do seu delírio. Ele recomendava que o terapeuta adotasse sempre uma atitude amável e benevolente, evitando ao máximo recorrer à violência física. Mas essa terapêutica também envolvia uma atitude de poder em que era preciso dominar e intimidar o louco, falando com voz forte, clara e sem hesitação, mas nunca recorrendo à violência física. No limite, nos casos mais graves, ainda sem recorrer a castigos físicos, era preciso implantar o terror para dominá-los, convencê-los de que não podiam seguir a própria vontade e que era melhor obedecer. Murat ressalta a contradição que percorreu toda a história do tratamento moral preconizado por Pinel: a vontade de estabelecer o diálogo com o louco e a necessidade de dominá-lo.

A doença dos pobres e a tara do Marquês

- 13 Embora as causas da loucura não possam ser reduzidas a um acontecimento isolado, para Laure Murat, a história tem seu papel na etiologia dos delírios. Afim de entender qual seria esse papel a autora coloca para si mesma a questão: como se delira na história e como, em troca, se inventa ou se desfaz a nosologia em função das mudanças de regime? A seu ver a loucura é uma doença da sensibilidade cujas causas devem ser buscadas nos tormentos da existência: luto, desespero, ciúme, amor à glória, excesso de estudos ou de devoção. Muitas vezes, pequenas histórias de desgostos domésticos ou reveses da fortuna são superdimensionados por acontecimentos da grande história afetando naturezas frágeis. O delírio seria a fuga de indivíduos às voltas com as guerras, os massacres, a violência e o horror econômico para uma realidade paralela.
- 14 Uma das dificuldades enfrentadas pelo historiador que se disponha a estudar a loucura se encontra na impossibilidade de ouvir os interessados, os loucos. Sua voz aparece mediada pela voz do psiquiatra que registrou em suas fichas as características do paciente e de seu delírio. Por isso a história da loucura pertenceria à história dos iletrados, dos anônimos, dos excluídos, dos marginais, dos sem voz e o historiador é obrigado a se restringir ao discurso político do poder e do saber para atingir seu objeto. Para tentar relativizar esse discurso, Murat procura estabelecer a hierarquia dos critérios empregados pelo alienista, tendo sempre em mente que, como todo mundo, ele tem uma história pessoal, convicções religiosas e opiniões políticas.
- 15 Para isso a autora procura conhecer os médicos que, ao longo do século XIX, depois de Pinel, atuaram nos asilos parisienses e produziram suas próprias terapêuticas. O segundo nome de sua lista é Jean-Étienne-Dominique Esquirol, cuja trajetória é muito semelhante à de Pinel, do qual foi o discípulo favorito. Tendo também estudado em Toulouse e em Montpellier, Esquirol dirigiu Bicêtre depois do mestre e atuava em Salpêtrière desde 1799, quando, em 1820, foi nomeado substituto de Pinel, que se aposentou naquele ano.

- 16 Esquirol, também adepto do tratamento moral, achava que havia de fato uma relação de causa e efeito entre os acontecimentos políticos e a alienação mental. Se a história em si não era a causadora da loucura, acidentes históricos podiam propiciar o desenvolvimento de uma loucura latente. A razão do aumento dos casos de alienação na França seria a alteração nos costumes propiciada pela Revolução. Para Esquirol, a loucura era uma doença da civilização, menos tributária das contingências políticas que das questões morais. Quanto mais a civilização avançava, mais a loucura ganhava terreno. Segundo Murat, essa ideia de uma loucura indexada ao progresso e às formas de governo marca todo o século XIX.
- 17 Mas, na contramão desses avanços da psiquiatria representados por Pinel e Esquirol, Charenton foi palco de um verdadeiro choque de mentalidades envolvendo o paciente mais famoso dos asilos psiquiátricos do tempo: o marquês de Sade. Cliente preferencial de prisões e asilos há vários anos por conta de suas depravações reais e ficcionais, Sade foi enviado para Charenton em 1803. Ali reinava sobre a equipe e os pacientes um aristocrata, o diretor François Simonnet de Coulmier, personalidade típica do Antigo Regime, que desenvolverá uma relação de grande amizade com seu ilustre paciente.
- 18 Diz Laure Murat que esses dois homens do século XVIII, *marcados pelos privilégios de nascimento, conservavam do antigo mundo uma visão cósmica, interna, repleta de fantasia* em torno do prazer e da volúpia, temas tão contrários à era da virtude cívica inaugurada com a Revolução. Coulmier deu vida boa para Sade em Charenton: tinta e papel para escrever, liberdade para circular e, o mais importante, o direito de produzir e encenar peças. As peças de Sade e o ambiente licencioso que se constituiu em torno desse pequeno teatro, que fazia muito sucesso atraindo plateia sofisticada, acabaram provocando reações negativas. A ligação íntima do diretor com *um monstro votado à execração pública*, foi alvo de uma campanha conduzida por um funcionário de Charenton, o médico Antoine-Athanase Royer-Collard.
- 19 Estabeleceu-se então um conflito entre esses dois homens com visões de mundo opostas, Royer-Collard, encarnação da virtude e da autoridade moral, considerava sua missão impedir que um degenerado como o marquês de Sade influísse sobre o ânimo dos pacientes. Pois Coulmier os incluía nas peças de Sade como parte de sua própria visão do que deveria ser o “tratamento moral”. Mas o que Royer-Collard considerava como o verdadeiro escândalo não dizia respeito às questões terapêuticas, apesar de Coulmier ter sido também criticado por excitar as paixões dos loucos aos expô-los às risadas e às zombarias do público. O grande problema era a abertura do mundo fechado do asilo para essas representações conduzidas por um personagem cuja depravação era usada como exemplo maior do que fora o comportamento da aristocracia no Antigo Regime.
- 20 Para Royer-Collard, Sade não era louco, ao contrário, era perfeitamente lúcido e essa lucidez é que tornava suas ações mais hediondas. Afinal, a simples presença de personagem tão emblemático no asilo não seria *suficiente para abalar a imaginação mesmo daqueles que não o veem?* Sade precisava ser erradicado e Royer-Collard propõe delicadamente ao ministro: *Não posso me impedir de indicar a Vossa Excelência que uma prisão de segurança ou um castelo-fortaleza lhe conviria muito melhor...* Assim, durante o reinado de Napoleão Bonaparte, a psiquiatria avançava mais algumas casas e adquiria legitimidade para *se erigir como juiz dos desvios de conduta, ainda que estes, e de maneira mais explícita, nada tivessem a ver com a alienação mental*. Em 1812, Royer-Collard ganhou a parada, Coulmier foi afastado, ele se tornou diretor de Charenton e suprimiu toda a

espécie de bailes e representações teatrais e, no hospício, em vez do ambiente alegre anterior, seus pacientes experimentavam a cura pelo trabalho: para as loucas, os ateliês de costura e para os loucos as colônias agrícolas.

Napoleão Bonaparte derrota Luís Felipe

- 21 Foi depois da grandiosa cerimônia promovida pelo rei Luís Felipe em torno da volta dos restos mortais de Napoleão Bonaparte à França, em 1840, que começaram a aparecer os napoleões de hospício. Só naquele ano entraram em Bicêtre catorze imperadores. A partir de sua queda definitiva em 1815, com a consequente deportação para a distante ilha de Santa Helena, o fascínio pela figura de Napoleão fora crescendo, à medida também que problemas políticos e econômicos diminuía a força simbólica dos últimos Bourbon: Luís XVIII e Carlos X. Segundo Murat, a trajetória de Napoleão, o fato de sua legitimidade não ter sido herdada mas conquistada pelas armas e por seu gênio político; o fato de ser caso único, até então, de um aventureiro que conseguiu chegar sozinho ao comando do Estado, favoreciam a construção de uma mítica e estimulavam na sociedade o culto ao grande homem e o desejo da glória individual.
- 22 É grande o contraste entre o herói guerreiro e sua saga e o rei-cidadão, Luís Felipe e seu reinado sem alma nem bravura, dominado por banqueiros e especuladores. A Luís Felipe, como disse um contemporâneo, faltava majestade. Sua figura despojada de pai de família bonachão, sem os acessórios, as atitudes e o cerimonial da realeza, deixava frias as imaginações. Os alienados, diz Murat, quando pensavam nele, na maioria das vezes, o confundiam com um outro paciente ou, no máximo, com o diretor do asilo. Luís Felipe desativava o delírio identificatório, não estimulava a loucura, pois, ainda segundo a autora, o simbolismo da função real precisa ser encarnado para se tornar delirável. Na descrição de Murat, o homem que se acha Napoleão assume um perfil autoritário, caprichoso e colérico. Sua atitude é sempre imperial porque ele não reina só sobre a França, é o senhor do universo, cujos poderes são ilimitados e a cuja vontade tudo deve se curvar.
- 23 A esse tipo de loucura que consiste em tomar-se por uma grande personalidade, Esquirol deu o nome de monomania orgulhosa ou ambiciosa. Seus portadores seriam vítimas de uma paixão anterior à manifestação da doença e esta não seria senão o *exagero das ideias, dos desejos, das ilusões de futuro* pré-existentes, seu excesso mórbido. A monomania orgulhosa seria uma doença tipicamente romântica, pois a loucura do século XIX, segundo um especialista, é o orgulho. Antes, nunca se tinha visto *tantos homens se apresentando como salvadores, capacidades, talentos de primeira ordem*. Mas, indaga Murat, da análise do acontecimento desencadeador à elaboração de uma monomania dita “orgulhosa” ou “ambiciosa” por quais etapas se passa à construção intelectual da loucura e de suas relações com a história política?

1848 – Os democratas alucinados ou a doença democrática

- 24 Como se elabora e se articula, no século XIX, o discurso entre o ideológico e o patológico?
- 25 Em 1850, Carl Theodor Grodeck (pai de Georg, considerado por Freud analista incomparável), lançou na Alemanha um livro intitulado *A doença democrática: nova espécie de loucura*. Inspirado na revolução de 1848, na França, o livro de Grodeck era o

produto das reflexões de um nacionalista ultraconservador acerca dos efeitos daninhos das revoluções. Ali, Grodeck desenvolvia ideias do tipo: o estado deve ser o defensor da ordem; o casamento, a educação, a disciplina, a moralidade, a obediência, o sentimento nacional e o amor à pátria constituem a base da sociedade. Considerava que os que os desrespeitavam, cedendo às paixões egoístas, promovendo um sistema de negação, e de amor à liberdade sem direção e sem limites, caíam no erro da loucura.

- 26 A grande ampliação do corpo de eleitores promovida em 1848, a partir da inclusão de todos os homens, inclusive criados, soldados e pobres em geral, fizeram com que este passasse de 250 mil cidadãos a 9,5 milhões. No espaço de alguns meses, a política passou a ser assunto de que se ocupavam todas as pessoas, inclusive as mulheres. A ascensão do movimento feminista a partir da atuação de saint-simonianos e fourrieristas, trouxera as mulheres para a vida política. No entanto, essas ativistas suscitavam mais ódio que admiração por parte da sociedade, inclusive no próprio campo político a que estavam vinculadas. Nos arquivos de Charenton, as ativistas de 1848 que por razões diversas ali ingressaram, são apresentadas em relatos irônicos, nos quais os alienistas comentam sobre a arrogância de suas pretensões e sobre o quanto são pitorescas as situações e atitudes em que se colocam. Herdeiras das tricoteiras do Terror, eram descritas assim pelos contemporâneos: *essa virago abandonou o papel de esposa e mãe, passa o tempo lendo os jornais sem compreender o conteúdo e a tagarelar em improváveis clubes políticos.*
- 27 Seu par perfeito seria o louco herdeiro do jacobino dos massacres do Terror e do insurreto dos três dias gloriosos da Revolução de 1830. Hirsuto, infatigável, galvanizado pela paixão política, esse ativista movido por uma paixão febril se torna figura consagrada em 1848. O sentimento de orgulho democrático propiciado pelas mudanças nas regras eleitorais havia exaltado as cabeças dessas pessoas que nunca tiveram nada e que, agora, munidas do voto, tinham pressa em melhorar de condição. Para Murat, o delírio a que eventualmente essa paixão cívica levava seria um refúgio e uma consolação diante do horror de uma vida que, mesmo depois das conquistas democráticas, continuava sem saída.
- 28 É no contexto da revolução de 1848 que o asilo se transforma em *uma gigantesca máquina de corrigir erros, submeter corpos e controlar consciências*, o que demonstraria a associação precoce da psiquiatria com uma tendência totalitária. Um dos precursores dessa tendência foi Bergeret, que não fazia diferença entre um delírio e um programa político. Insurretos e insanos passaram a ser mostrados como frutos da mesma árvore: afinal, se uns querem derrubar a ordem estabelecida, os outros contestam a ordem da razão. 1848 desencadeia uma onda repressiva no tratamento destinado a curar a loucura democrática, e essa tendência a tratar radicais como loucos se acentuaria a partir da Comuna, em 1871. A partir de então, muitos procurariam definir o que seria o monomaniaco comunista: aquele que não reconhece mais senão um valor, a virtude, e que elimina todas as separações artificiais, as distinções arbitrárias; aquele que só tem uma preocupação, a felicidade comum e que acredita que uma fraternidade deve governar o mundo.
- 29 Se esses comunistas são ou não loucos é a questão que divide o campo psiquiátrico. Para Morel, os *communards* não seriam alienados, mas, sim, monstros da ordem moral, marginais responsáveis por seus atos. Ele se dedica a denunciar as origens marxistas e, portanto, alemãs da Internacional e procura estabelecer o que separa a alienação mental da responsabilidade moral. Conclui Murat: ao dar-lhes uma consciência, Morel

reabilita os insurretos em sua lucidez para melhor condená-los como perigosos delinquentes. Já Boismont os considera loucos furiosos, doentes a serem encarcerados. Tanto os energúmenos, quanto seus simpatizantes seriam fanáticos que sonhariam com uma revolução do mundo por meios impraticáveis. Vítimas da loucura demagógica, teriam sobre a família, a propriedade, a individualidade, a liberdade, a inteligência, a constituição da sociedade ideias tão contrárias à natureza humana que somente a loucura as poderia explicar. Restava saber a origem dessa doença.

- 30 Laborde dizia que se tratava de uma tara hereditária que os predispunha à loucura: uma espécie de loucura orgânica que se encontrava adormecida até ter sido despertada pelos acontecimentos políticos. Já Prosper Despine dava a essa epidemia um nome: socialismo, doença daqueles cujo objetivo era destruir os valores fundamentais da civilização. Guiados pela cobiça e o amargor, pela inveja e a preguiça, os revolucionários seriam niilistas sem programa. Sua palavra era desacreditada, pois não podiam ser normais pessoas que pregavam: a separação da igreja do estado; o ensino leigo, gratuito e obrigatório; a igualdade salarial entre homens e mulheres; a gratuidade das certidões de cartório, a supressão do trabalho noturno dos padeiros, etc.
- 31 Percorrendo praticamente todo o século XIX, a pesquisa de Laure Murat nos proporciona um painel das políticas públicas parisienses voltadas para o tratamento dos loucos. Ao mesmo tempo, apresenta também um quadro das manifestações de alienados cujos delírios estiveram associados aos episódios políticos mais dramáticos daquele século. A era das revoluções foi também a era da loucura e de experiências sobre a melhor forma de tratá-la. Os médicos que se dedicaram às investigações sobre a doença foram também atingidos de alguma maneira pelos episódios históricos que engolfaram toda a sociedade. De evento salutar para Pinel, no final do XVIII, a revolução se converteria em expressão máxima da loucura com o aparecimento dos revolucionários comunistas na década de 70 do XIX. As duas perspectivas, em que o diagnóstico da doença estava contaminado por questões ideológicas, pareceriam falhas aos olhos do século que viria. Ainda seria preciso esperar algumas décadas para o surgimento de Sigmund Freud.
- 32 MURAT, Laure. *O homem que se achava Napoleão – por uma história política da loucura*. Três Estrelas, São Paulo, 2012, tradutor Paulo Neves.
- 33 .

AUTOR

ISABEL LUSTOSA

Fundação Casa de Rui Barbosa. Pesquisa em história.